

LUTERO COMO MITO: a exploração do mito enquanto signo de linguagem

JÚLIA MATOS*

RESUMO

O presente artigo analisa a construção do discurso do historiador Lucien Febvre em sua obra *Martinho Lutero: um destino*, publicada em 1927. Febvre estudou o indivíduo Lutero devido ao seu simbolismo em relação à formação dos conceitos, identidade e sentimentos coletivos. Dessa forma, segundo o autor, a imagem do indivíduo Lutero teria sido utilizada para a construção de uma imagem coletiva. Conclui-se que essa obra foi o meio que o autor encontrou para estabelecer um diálogo com o povo germânico da Alsácia-Lorena, nos anos entre-guerras. Febvre fez nessa obra uma história do “não-dito”, cabendo a nós desvendá-la.

PALAVRAS-CHAVE: Alemanha, nacionalismo, Lutero

INTRODUÇÃO

Fazer a história, sim, na medida em que a história é capaz, e a única capaz, de nos permitir, num mundo em estado de instabilidade definitiva, viver com outros reflexos que não os do medo...

Lucien Febvre

A história, para Lucien Febvre, não era feita apenas de documentos escritos, apesar de estes serem muito importantes, mas por toda a produção do homem. “Indubitavelmente a História se faz com documentos escritos. Porém também pode fazer-se, deve-se fazer, sem documentos escritos se estes não existem. Com tudo o que o engenho do historiador possa permitir-

* Professora; mestre em História das Sociedades Ibero-Americanas – PUCRS. julmatos@universiabrasil.net

lhe utilizar para fabricar o seu mel, na falta das flores usuais. Portanto, com palavras. Com signos"¹. Essa não foi a realidade de produção de *Martinho Lutero, um destino*. Pelo contrário, Febvre debruçou-se sobre a vasta historiografia existente sobre o reformador, além dos escritos do próprio Lutero e de seus seguidores. O historiador trabalhou com fontes coetâneas ao agostinho. Para o estudo de seu objeto não faltaram documentos escritos, mas para a construção de sua tese foi necessário muita análise e entendimento das estruturas mentais da época estudada. Febvre recorreu à historiografia existente para produzir o seu "mel". No entanto, é quando o historiador se refere aos *signos* que nos chama a atenção. O que seriam esses signos? Somente marcas deixadas pelo homem? Ou seriam significados existentes nas estruturas mentais mas inexistentes nas estruturas textuais, ou seja, documentos?

Febvre não imaginou a tese que defende em sua biografia de Lutero, os documentos lhe deram argumentação para tanto. Entretanto, entendemos que Febvre somente trabalhou com Martinho Lutero devido ao seu significado para a região da Alsácia-Lorena, para os protestantes. Então Lutero seria o signo, de onde o historiador extrairia o seu "mel". Consideramos que Martinho Lutero, devido às diversas imagens referentes a ele construídas por muitos estudiosos, além da transformação histórica que ocorreu a partir de seu pensamento, se coloca hoje como um *semióforo*. A primeiro momento podemos ver que Martinho Lutero é o símbolo da Reforma Protestante, mas não pára por aí, muitas outras idéias e significações surgem à mente quando citamos o nome do reformador, como: liberdade de pensamento, aproximação com Deus, leitura das sagradas escrituras, libertação da exploração econômica da igreja e do Estado, amor à pátria, entre tantos outros. Lutero tem a imagem de um defensor das classes oprimidas², crente em Deus, herói, patriota que traduziu a Bíblia para o alemão vulgar, o que

¹ FEBVRE, Lucien, *Combats pour l'histoire*. Paris: Armand Colin, Paris, 1953, p. 428. Apud FONTANA I LAZARO, Josep. *A Reconstrução, III: a Escola dos Annales*. In: *História: análise do passado e projeto social*. Bauru, SP, EDUSC, 1998.

² Conforme, PERRY, Marvin. *Civilização ocidental: uma história concisa*. 2 ed. São Paulo. Martins Fontes, 1999, p. 235.

incentivou a tradução das escrituras para outros idiomas, posteriormente. Marilena Chauí explica que um *semióforo* é:

um signo trazido à frente ou empunhado para indicar algo que significa alguma outra coisa e cujo valor não é medido por sua materialidade e sim por sua força simbólica: uma simples pedra, se for o local onde Deus apareceu, ou um simples tecido de lã, se for o abrigo usado, um dia, por um herói, possuem um valor incalculável, não como pedra ou como pedaço de pano, mas como lugar sagrado ou relíquia heróica. Um *semióforo* é fecundo porque dele não cessam de brotar efeitos de significação (...) Um *semióforo* é, pois, um acontecimento, um animal, um objeto, uma **pessoa** ou uma instituição retirados do circuito do uso ou sem utilidade direta e imediata na vida cotidiana porque são coisas providas de significação ou de valor simbólico, capazes de relacionar o visível e o invisível, seja no espaço, seja no tempo, pois o invisível pode ser o sagrado (um espaço além de todo espaço) ou o passado ou o futuro distantes (um tempo sem tempo ou eternidade), e expostos à visibilidade, pois é nessa exposição que realizam sua significação e sua existência.³

Um *semióforo*, símbolo, é assim que concebemos a visão de Lucien Febvre sobre a figura do reformador. Se para sociedades não-protestantes ele tem grande significado, imaginemos para os protestantes. É o *Mito* do homem dirigido por Deus, do libertador, que permanece ligado fortemente à imagem de Martinho Lutero. Lutero não é concebido apenas como o melhor representante do *ethos* de sua sociedade, mas é o mito fundador de uma nova sociedade capitalista⁴. De acordo com Max Weber, o protestantismo favoreceu a liberdade de comércio, pois retirou das mãos humanas a possibilidade de alcance da salvação, repassando-a apenas para o poder de Deus, que predestinaria os salvos.

Dessa forma, coube aos puritanos, que se consideravam eleitos viver a santificação da vida cotidiana. Pois "o caráter sectário" – a consciência de ser minoria e a motivação de ser eleito de Deus –

³ CHAUÍ, Marilena. *A nação como semióforo*. In: ——— *Brasil: mito fundador e sociedade autoritária*. São Paulo, Editora Fundação Perseu Abramo, 2001, p. 12.

⁴ Conforme, WEBER, Max, *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo. Editora Martin Claret.2002, p. 35.

fazia de cada membro dessas comunidades não mero adepto do rebanho, mas vocacionado que se dedicava simultaneamente ao aprimoramento ético, intelectual e profissional.⁵

A Reforma Protestante, no pensamento de Weber, é a fundadora da nova ordem social que vivemos. Por isso, compreendemos que Lutero não é visto apenas como um personagem que realizou um grande feito, mas uma personalidade repleta de significado para as sociedades atuais, sejam elas protestantes ou não.

Lutero teve sua imagem muito explorada, como tantos outros personagens, pelo governo alemão durante o Segundo Império, na tentativa de estabelecer um vínculo histórico de continuidade entre o Sacro Império Romano Germânico e o restante da nação alemã. “Os edifícios e monumentos eram a forma mais visível de estabelecer uma nova interpretação da história alemã, ou antes uma fusão entre a ‘tradição inventada’ mais velha e romântica do nacionalismo alemão pré-1848 e o novo regime: os símbolos mais potentes foram os que conseguiram a fusão”⁶. O agostinho tornou-se elo entre as populações protestantes e a Alemanha. “... a imagem que testemunha, que relata e que contribui, por si só, para construir o acontecimento em toda sua espessura política, social e cultural”⁷.

Entendemos que as muitas esculturas erguidas em diversas cidades alemãs atuaram como mantenedoras, como vínculo da memória com o passado que se mantém presente, vivo, como uma representação da realidade. “Assim, as ideologias, que necessariamente acompanham o movimento histórico da formação, alimentam-se das representações produzidas pela fundação, atualizando-as para adequá-las à nova quadra histórica. É exatamente por isso que, sob novas roupagens, o mito pode repetir-se indefinidamente”⁸.

⁵ Ibid., p. 19.

⁶ HOBBSAWM, Eric. *A produção em massa de Tradições: Europa, 1870 a 1914*. In: *A Invenção das tradições*. 2 ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1997, p. 282.

⁷ VOVELLE, Michel. *Introdução*. In: ——— *Imagens e Imaginário na história*. São Paulo, Editora Ática, 1997, p. 22.

⁸ CHAUÏ, Marilena. *Brasil: mito fundador e sociedade autoritária*. São Paulo, Editora Fundação Perseu Abramo, 2001, p. 10.



FIGURA 1 – O monumento de Lutero e a torre da igreja de Santo André, em Eisleben.

FONTE – Perfil da Alemanha: 50º aniversário da República Federal da Alemanha. Germany. Publicação Departamento de Imprensa e Informação do Governo Federal – Soeäts-Verlag, 1999.

É a imagem enquanto representação, manutenção da memória coletiva e construção do mito. De acordo com Michel Pollak⁹, a memória que sobrevive ao desaparecimento material do personagem assume a forma de mito, alimentando-se de referências culturais, literárias ou religiosas. A imagem do reformador foi eternizada através da construção de monumentos e da vasta produção biográfica e historiográfica a respeito da Reforma. Martinho Lutero deixa de ser o indivíduo para ser o mito. De difícil compreensão, mas é assim que entendemos a forma como as populações protestantes da Alsácia nos anos de 1919 deviam ver o reformador. Discutir se esta visão ou sentimento em relação a Lutero permanece até hoje não é nossa intenção neste trabalho, mas apenas tentar compreender e apresentar as

⁹ POLLAK, Michel, *apud*, SHMIDT, Róbi J. *Cenas da constituição de um mito polifônico*. Cascavel, Edunioeste, 2001, p. 39.

estruturas mentais com que Febvre estava lidando ao produzir sua biografia.

Ao que observamos, Lutero apareceu nos anos entre-guerras como símbolo unificador, comum das populações protestantes. O indivíduo no qual se identificavam. No prefácio à segunda edição de *Martinho Lutero, um destino*, o historiador relata sobre a exploração da imagem de Lutero enquanto símbolo para a nação alemã.

Escrevo esta frase sabendo perfeitamente que, desde 1927, muitos acontecimentos se passaram nos quais Lutero desempenhou um papel, nos quais se fez Lutero desempenhar um papel. Não exageremos: um certo papel, ainda assim. Moedas de prata de 5 marcos cunhadas na Alemanha, desde 1933, com a efigie do revoltado, advertiram disso suficientemente o povo alemão. Moedas, mas também toda uma literatura (...).¹⁰

Em um momento de instabilidade política como o que vivia a Alsácia-Lorena, de perda de identidade, podemos imaginar que foi em Martinho Lutero que os protestantes buscaram uma identificação, como herói, libertador e líder religioso. “Assim, os vínculos emocionais de indivíduos com a coletividade por eles formada cristalizam-se e organizam-se em torno de símbolos comuns, que não requerem quaisquer explicações fatuais, que podem e devem ser considerados como valores absolutos, inquestionáveis, e formam pontos focais de um sistema de crença comuns”¹¹. Lutero aparece como a imagem da nação, ligando a população alsaciana à Alemanha muito mais do que à França. De acordo com Hobsbawm, o cidadão tem uma relação de amor com sua nação. Mas não era esta a intenção, como já citado no primeiro capítulo, do Estado Francês. Como romper esse sentimento construído em décadas de dominação alemã? Esta era a tarefa dos educadores franceses na Alsácia.

¹⁰ FEBVRE, Lucien. *Martinho Lutero, um destino*. Lisboa – Portugal. Editora ASA, 1994, p. 16.

¹¹ ELIAS, Norbert. *Uma digressão sobre o nacionalismo*. In: *Os Alemães: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1997, p. 139.

Lutero parece ter sido visto por Lucien Febvre enquanto *mito* para a população protestante da Alsácia-Lorena dos anos de 1919. Sendo ele o elo entre os protestantes, maioria na Alsácia, e a cultura germânica, entendemos que foi o meio pelo qual se estabeleceu um diálogo entre o historiador e seus leitores. Segundo Marilena Chauí, o “...mito (...) é a solução imaginária para tensões, conflitos e contradições que não encontram caminhos para serem resolvidos no nível da realidade”¹². Esta era situação da Alsácia, extremamente conflituosa. A França esforçava-se por reinserir esta população na cultura francesa. “O discurso histórico explica uma identidade social, não como ‘dada’ ou estável, mas enquanto se diferencia de uma época anterior ou de uma outra sociedade. Ele supõe a ruptura que transforma uma tradição em um objeto do passado, (...)”¹³. Como nesta citação, Martinho Lutero, um destino, foi produzido para explicar a identidade do povo alsaciano, para romper com a tradição protestante germânica, transformando-a em algo passado e mal-interpretado. A obra de Febvre apareceu em 1927, desmitificando a idéia de um protestantismo puramente alemão, do herói alemão, mas afirmando sua tese de que a revelação luterana foi para os cristãos de todo o mundo, sejam franceses, alemães ou portugueses.

E eu, historiador do século XVI, encontro aí o que de modo semelhante se passou com a Reforma, «importação do estrangeiro», desvio da alma francesa: a Reforma, de que foram necessários anos de pesquisas para nos apercebemos de que ela foi tão profundamente francesa em França, como alemã na Alemanha, inglesa na Inglaterra.¹⁴

É com o mito propriamente que Febvre trabalhou nessa obra, o símbolo religioso, sobre o qual construiu um novo significado. A obra traz consigo uma nova ideologia luterana, que rompe com o germanismo e universaliza a crença protestante. A

¹² CHAUÍ, Marilena. *loc. cit.* p. 9.

¹³ DE CERTEAU, Michel. *A História como mito*. In: ——— *A Escrita da História*. 2 ed. Rio de Janeiro, Editora Forense Universitária, 2000, p. 56.

¹⁴ FEBVRE, Lucien. *Literatura e Vida Social: De Lanson a Daniel Mornet: uma renúncia*. In: ——— *Olhares sobre a história*. Lisboa – Portugal. Editora ASA, 1996, p. 44.

função da obra pelo que nos parece é a mesma da ideologia, de acordo com Chauí, de apagar as diferenças, fornecendo condições aos leitores de certos referenciais identificadores de todo para todos¹⁵. “Sua função é dar (...) continuidade histórica e direitos naturais conforme o expresso na história”.¹⁶

Martinho Lutero, na biografia produzida por Lucien Febvre, parece-nos ter a função de fornecer à população da Alsácia-Lorena uma nova identidade nacional. “Porque em nosso mundo, onde muda a memória coletiva, onde o homem, o homem qualquer, diante da aceleração da história, quer escapar da angústia de tornar-se órfão do passado, sem raízes, onde os homens buscam apaixonadamente sua identidade[...]”¹⁷. E por que não dizer, aos franceses protestantes. *Martinho Lutero, um destino* desmitifica a idéia de protestantismo como um fenômeno alemão e afirma a nova ideologia de Reforma para a cristandade, seja alemã, francesa ou de qualquer nacionalidade. É a Reforma da vida com Deus para todos os homens, pregada por Lutero.

Lucien Febvre, como nos diz Jacques Le Goff, era um homem apaixonado pelo presente. Dessa forma, estudou as estruturas mentais do século XVI, dialogando com o tempo presente, trabalhando com questões político-sociais de seu tempo. “Sempre coube à história desempenhar um grande papel social, no mais amplo sentido; e em nossa época, em que esse papel é mais que nunca necessário, a história nova, se lhes forem proporcionados os meios de pesquisas, de ensino (em todos os níveis escolares) e difusão de que necessita, está em condições de desempenhá-lo”¹⁸. Vemos aqui sua visão de história como instrumento útil à humanidade herdada de seu mestre intelectual Jules Michelet e presente em *Martinho Lutero, um destino*.

¹⁵ CHAUI, Marilena. *Ideologia*. In: ——— PRADO, Caio Jr.; CHAUI, Marilena e KONDER, Leandro. *O que é: Filosofia, Ideologia, Dialética*. Volume 6, São Paulo, Círculo do Livro, 1981, p. 129.

¹⁶ HOBBSAWM, Eric. *Introdução: A Invenção das tradições*. 2 ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1997, p. 10.

¹⁷ FEBVRE, Lucien. *Apud*. LE GOFF, Jacques. *A Nova história*. 4 ed. São Paulo, Martins Fontes, 1998, p. 51.

¹⁸ id.

BIBLIOGRAFIA:

FEBVRE, Lucien. *Martinho Lutero, um destino*. Lisboa: ASA, 1994.

BIBLIOGRAFIA AUXILIAR

CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

CHABOT, Jean-Luc. *O nacionalismo*. Porto: Rés, s/d.

CHAUÍ, Marilena. *A Nação como semióforo*. In: _____. *Brasil: mito fundador e sociedade autoritária*. São Paulo: Ed. da Fundação Perseu Abramo, 2001.

_____. *Ideologia*. In: PRADO, Caio Jr.; CHAUÍ, Marilena e KONDER, Leandro. *O que é: Filosofia, Ideologia, Dialética*. Volume 6, São Paulo, Círculo do Livro, 1981.

DELUMEAU, Jean. *Nascimento e afirmação da Reforma*. São Paulo: Pioneira, 1989.

DEPARTAMENTO de Imprensa e Informação do Governo Federal – Sociäts-Verlag, *Perfil da Alemanha: 50º aniversário da República Federal da Alemanha*. Germany, 1999.

ELIAS, Norbert. *Uma digressão sobre nacionalismo*. In: *Os Alemães: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1997.

FEBVRE, Lucien, *Olhares sobre a história*. Portugal, edições ASA, 1996.

_____. *O Reno: história, mitos e realidades*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

_____. *Honra e Pátria*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1998.

GRIMBERG, Carl. *A Reforma e os reformadores: Martinho Lutero*. 10 ed. Lisboa, Publicações Europa-América, 1967.

HOBSBAWM, Eric. *O apogeu do nacionalismo: 1918-1950*. In: *Nações e Nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade*. 3 ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1990.

_____. *A produção em massa de tradições: Europa, 1870 a 1814*. In: *A invenção das tradições*. 2 ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1997.

LORIGA, Sabina. *A biografia como problema*. In: REVEL, Jacques (org.). *Jogos de escalas: a experiência da micro-análise*. Rio de Janeiro, Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *A linguagem indireta e as vozes do silêncio*. In: *Signos*. São Paulo, Editora Martins Fontes, 1991.

MOTA, Carlos Guilherme. *Lucien Febvre, 1878-1956*. São Paulo : Ática, 1978.

REMOND, Renè. *O retorno do político*. In: CHAUVEAU, A & TÉTART, Ph. *Questões para a história do presente*. Bauru, SP. EDUSC, 1999.

RICHARD, Lionel. *Antigos espaços e fronteiras novas*. In: *A República de Weimer*. São Paulo. Companhia das Letras, 1998.

VOVELLE, Michel. *Ideologias e mentalidades*. 1. ed. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1991.

WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo. Editora Martin Claret, 2002.